

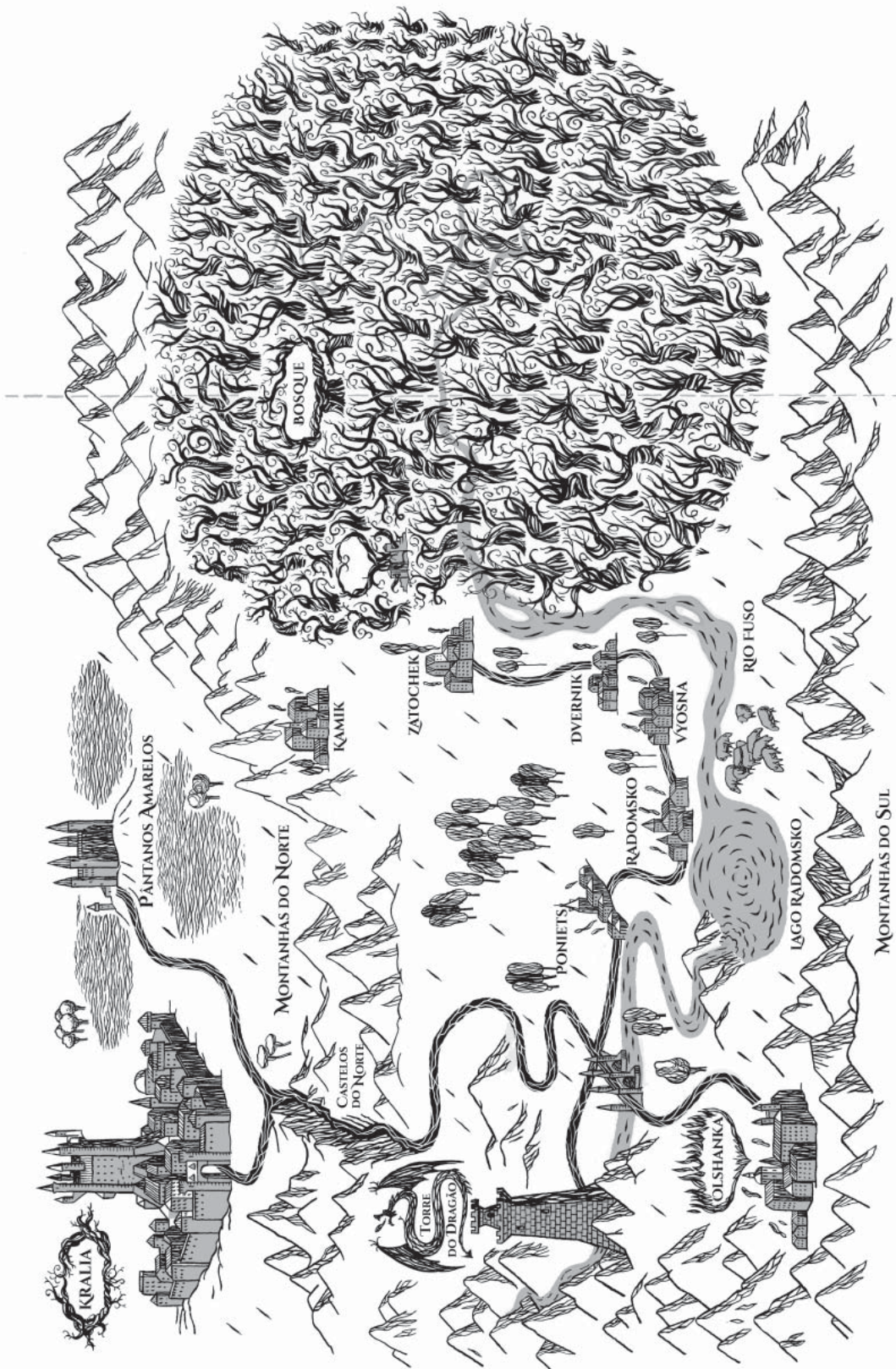
coração negro

naomi novik

Tradução de Sérgio Gonçalves



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



CAPÍTULO 1

O nosso Dragão não devora as raparigas que leva, independentemente das histórias que possam ser contadas fora do nosso vale. Ouvimo-las, por vezes, de viajantes que por aqui passam. Falam como se estivéssemos a fazer sacrifícios humanos e como se ele fosse um dragão verdadeiro. Claro que isso não é verdade: ele pode ser um mago imortal, mas não deixa de ser um homem, e os nossos pais juntar-se-iam e matá-lo-iam se ele quisesse devorar uma de nós a cada dez anos. Ele protege-nos contra o Bosque e nós estamos-lhe gratos, mas não assim tão gratos.

Na verdade ele não as devora, apenas assim parece. Ele leva uma rapariga para a sua torre e, dez anos mais tarde, deixa-a sair em liberdade, mas então ela já se tornou alguém diferente. As suas roupas são demasiado boas e ela fala como uma cortesã e viveu sozinha com um homem ao longo de dez anos, por isso claro que está devastada, apesar de todas as raparigas dizerem que ele nunca lhes pusera uma mão em cima. Que mais poderiam elas dizer? E essa não é a pior parte — afinal, o Dragão oferece-lhes uma bolsa cheia de prata como dote quando as liberta, para que qualquer um case com elas de bom grado, devastadas ou não.

Mas elas não querem casar. Não querem sequer cá ficar.

— Elas esquecem-se de como viver aqui — disse-me o meu pai, certa vez, inesperadamente. Eu viajava a seu lado, no assento de uma carroça enorme vazia, ao regressarmos a casa após concluirmos a entrega da lenha para essa semana. Morávamos em Dvernik, que não era nem a maior aldeia do vale, nem a mais pequena, nem a que ficava mais perto do Bosque — estávamos a onze quilómetros de distância. No entanto, a estrada levava-nos por uma grande colina acima e, do topo da mesma, se o dia estivesse limpo, podíamos ver toda a extensão do rio até à faixa cinzenta de terra queimada, no outro extremo, bem como a muralha escura de árvores para lá da mesma. A torre do Dragão encontrava-se a uma

distância considerável na outra direção, um pau de giz branco espetado na base das montanhas ocidentais.

Eu era ainda muito pequena — creio que não deveria ter mais do que cinco anos. Mas eu já sabia que não devíamos falar do Dragão, nem das raparigas que ele levava, por isso gravei na mente o momento em que o meu pai quebrou essa regra.

— Elas lembram-se de ter medo — disse o meu pai. Apenas isso. Em seguida fez sinal aos cavalos e eles aceleraram, correndo colina abaixo e regressando ao abrigo do arvoredado.

Para mim, não fez muito sentido. Tínhamos todas medo do Bosque. Mas o nosso vale era a nossa casa. Como poderia alguém abandonar a sua casa? E mesmo assim, quando regressavam, as raparigas nunca ficavam. O Dragão libertava-as da sua torre, e, durante algum tempo, elas voltavam para as suas famílias — durante uma semana, por vezes um mês, mas nunca mais do que isso. Em seguida pegariam na sua prata e partiriam. Na maior parte dos casos mudavam-se para Kralia e iam para a universidade. Era frequente casarem com algum homem da cidade, ou então convertiam-se em estudantes ou comerciantes, embora algumas pessoas cochichassem sobre Jadwiga Bach, que fora levada sessenta anos antes, afirmando que se havia tornado cortesã e amante de um barão e de um duque. Mas na época em que nasci, ela não passava de uma idosa rica que enviava presentes esplêndidos a todas as suas sobrinhas e sobrinhos-netos e nunca vinha de visita.

Assim, dificilmente isso será o mesmo que entregar a própria filha para ser devorada, ainda que também não seja nada agradável. Não existem assim tantas aldeias no vale para que as probabilidades sejam baixas — ele leva apenas uma rapariga com dezassete anos, que tenha nascido entre um mês de outubro e o seguinte. No meu ano havia onze raparigas de entre as quais escolher, e as probabilidades eram piores do que lançar dados. Toda a gente diz que se ama uma rapariga nascida para o Dragão de forma diferente à medida que ela vai crescendo; não dá para evitar, sabendo de antemão a facilidade com que se pode perdê-la. Mas não foi assim comigo, com os meus pais. Quando já tinha idade suficiente para compreender que poderia ser levada, todos sabíamos que ele levaria Kasia.

Apenas os viajantes que por aqui passavam, alheios a tudo isso, se atreviam a cumprimentar os pais de Kasia, ou a dizer-lhes quão bela era a sua filha, ou quão esperta, ou quão simpática. O Dragão não escolhia sempre a rapariga mais atraente, mas, de alguma forma, levava sempre a mais

especial: se houvesse uma rapariga que fosse, de longe, a mais atraente, a mais inteligente, a melhor dançarina, ou especialmente simpática, de alguma forma ele acabava sempre por escolhê-la, ainda que raramente trocasse palavras com as raparigas antes de fazer a sua opção.

E Kasia era todas essas coisas. Tinha cabelo num tom de trigo dourado, que mantinha sempre numa trança até à cintura, os seus olhos eram de um castanho quente e o seu riso era como uma canção que levava qualquer um a querer cantá-la. Criava os melhores jogos e conseguia inventar histórias e novas danças; ela sabia cozinhar um autêntico festim, e quando fiava a lã das ovelhas do seu pai o fio saía da roda sem um único nó nem estar emaranhado.

Tenho noção de que a faço soar como se fosse algo saído de uma história. Mas era mais ao contrário. Quando a minha mãe me contava histórias acerca da princesa tecelã, ou da rapariga-ganso, ou da donzela do rio, na minha cabeça imaginava-as a todas um pouco como Kasia; era assim que eu pensava nela. E não tinha ainda idade para ser sensata, por isso amava-a mais, e não menos, porque eu sabia que, dali a nada, ela ser-me-ia retirada.

Ela não se importava, dizia. Também não tinha medo: a sua mãe, Wensa, assegurava-se disso. «Ela terá de ser corajosa», lembro-me de ouvir a sua mãe dizer à minha, certa vez, enquanto incentivava Kasia a subir a uma árvore por trás da qual se escondera, e a minha mãe a abraçá-la, em lágrimas.

Vivíamos a apenas três casas uma da outra e eu não tinha nenhuma irmã, apenas os meus três irmãos muito mais velhos. Kasia era-me muito próxima. Brincávamos juntas desde o berço, primeiro nas cozinhas das nossas mães, tentando não ser pisadas e depois nas ruas em frente às nossas casas, até termos idade suficiente para corrermos à vontade pelos bosques. Eu nunca queria ficar fechada, especialmente se via uma oportunidade para corrermos de mãos dadas à sombra das árvores. Imaginava-as a dobrarem os seus braços, oferecendo-nos abrigo. Não fazia ideia de como iria suportar a dor, quando o Dragão a levasse.

Os meus pais não teriam tido grandes motivos para temerem por mim, mesmo que Kasia não existisse. Aos dezassete anos ainda era uma rapariga esquelética, com pés grandes e cabelo castanho-sujo, e o meu único dom, se é que se lhe poderia chamar assim, era o facto de rasgar, manchar ou perder qualquer peça de roupa que me vestissem durante as horas de um único dia. A minha mãe desistiu de mim por volta dos meus doze anos, e deixava-me deambular vestida com as roupas velhas dos meus irmãos, exceto em

dias festivos, quando era obrigada a mudar de indumentária apenas vinte minutos antes de sairmos de casa e a aguardar sentada no banco à porta da nossa casa até que nos fizessemos ao caminho para a igreja. Mesmo assim, não havia forma de saber se eu não treparia a um ramo qualquer ou se me salpicaria com lama antes de chegarmos à aldeia.

«Vais ter de casar com um alfaiate, minha pequena Agnieszka», diria o meu pai, rindo, quando chegava a casa de noite, vindo da floresta, e eu ia a correr ter com ele, o rosto todo sujo, com pelo menos um rasgão na roupa e sem lenço na cabeça. Mesmo assim, ele pegava em mim e beijava-me; a minha mãe apenas lançava um pequeno suspiro: algum pai de uma filha nascida para o Dragão se lamentaria por ela ter alguns defeitos?

O nosso último verão antes da escolha foi longo, quente e cheio de lágrimas. Kasia não chorava, mas eu sim. Ficávamos nos bosques até tarde, tentando aproveitar cada dia ao máximo, e eu chegava a casa esfomeada e cansada e de imediato me ia deitar, no escuro. A minha mãe entrava no quarto e afagava-me a cabeça, cantando suavemente enquanto eu chorava até adormecer, deixando um prato de comida ao lado da minha cama, para quando acordasse esfomeada a meio da noite. De resto, ela não tentava confortar-me: como poderia fazê-lo? Ambas sabíamos que, por muito que gostasse de Kasia, e de Wensa, mãe de Kasia, ela não conseguia deixar de sentir um certo alívio — não é a *minha* filha, não é a *minha* única filha. Claro está que eu também não queria que ela se sentisse de outra forma.

Durante quase todo aquele verão éramos apenas Kasia e eu. Já assim era há bastante tempo. Em pequenas corríamos entre a multidão de crianças da aldeia, mas à medida que íamos crescendo, e Kasia se tornava mais bela, a sua mãe disse-lhe: «Será melhor que não te dês com os rapazes, para ti e para eles.» Mas eu agarrei-me a ela, e a minha mãe amava Kasia e Wensa o suficiente para não me tentar afastar, muito embora ela soubesse que isso só levaria a que, no final, a dor fosse maior.

No último dia encontrei uma clareira no bosque onde as árvores ainda tinham folhas, douradas e dum vermelho flamejante, sussurrantes acima de nós, com o chão cheio de castanhas maduras. Acendemos uma pequena fogueira com galhos e folhas secas para assarmos um punhado. O dia seguinte seria o primeiro de outubro, e seria realizado o enorme festim em sinal de respeito para com o nosso patrono e senhor. No dia seguinte, o Dragão chegaria.

— Seria agradável tornar-me trovadora — disse Kasia, deitada de costas, com os olhos fechados. Cantarolou algo: um cantor ambulante tinha vindo para a festa e tinha estado a praticar as suas canções na praça, nessa manhã. As carroças com os tributos tinham chegado ao longo de toda a semana. — Ir até Polnya e cantar para o rei.

Ela disse-o conscientemente, não como uma criança a adivinhar formas nas nuvens; disse-o como alguém realmente a pensar em deixar o vale, ir embora para sempre. Estendi a mão e agarrei a dela.

— Virias a casa a cada solstício de inverno — disse eu —, e cantar-nos-ias todas as canções que tivesses aprendido. — Mantivemo-nos agarradas, e não me permiti lembrar-me de que as raparigas que o Dragão levava nunca queriam regressar.

Claro que, naquele momento, limitava-me a odiá-lo com todas as minhas forças. Mas ele não era um lorde mau. Do outro lado das montanhas do Norte, o barão dos Pântanos Amarelos mantinha um exército de cinco mil homens, para levar para as guerras de Polnya, um castelo com quatro torres, uma mulher que usava joias da cor do sangue e um manto branco de pele de raposa, tudo isso num domínio que não era mais rico do que o nosso vale. Os homens tinham de oferecer, semanalmente, um dia de trabalho nos campos do barão, que eram as melhores extensões de terra, e ele levaria os filhos mais robustos para o seu exército; com tantos soldados a percorrer a área, as raparigas tinham de ficar dentro de casa e, uma vez já mulheres, deveriam manter-se acompanhadas. E mesmo ele não era um *mau* lorde.

O Dragão apenas tinha a sua única torre, sem qualquer soldado, nem um único servo, além da rapariga que levava. Ele não precisava de manter um exército: o serviço que ele prestava ao rei, a sua magia, era o seu próprio trabalho. Por vezes tinha de se dirigir à corte, para renovar o seu juramento de lealdade, e suponho que o rei o poderia ter convocado para a guerra, mas, na maior parte do tempo, o seu dever era ficar aqui a observar o Bosque, protegendo o reino da sua malícia.

A sua única extravagância eram os livros. Líamos bastante, para aldeões, pois ele pagaria ouro por um único tomo magnífico, levando a que vendedores de livros se deslocassem até cá, apesar de o nosso vale se situar no ponto mais extremo de Polnya. E quando vinham, aproveitavam para encher os alforjes das suas mulas com todo o género de livros gastos ou baratos que tivessem, vendendo os mesmos em troca das nossas escassas moedas. Pobre a casa que não tivesse pelo menos dois ou três livros orgulhosamente exibidos nas paredes.

Tudo isto poderá não parecer mais do que algo insignificante e mesquinho, dificilmente razão suficiente para se entregar uma filha, para alguém que não vivesse suficientemente perto do Bosque para conseguir compreender. Mas eu tinha vivido o Verão Verde, quando um vento quente carregou pólen da zona oeste do Bosque até ao interior do vale, para os nossos campos e jardins. As colheitas cresceram com extrema exuberância, mas também estranhas e disformes. Todos aqueles que delas comessem eram dominados por um sentimento de raiva, atacando as suas famílias, e no final acabavam por correr para o Bosque, desaparecendo, se ninguém os amarrasse.

Então, tinha seis anos. Os meus pais tentavam proteger-me tanto quanto conseguiam, mas mesmo assim, lembrava-me vividamente da sensação fria de pavor por toda a parte, de toda a gente ter medo, e da dor interminável da fome na minha barriga. Já tínhamos comido todos os mantimentos do ano anterior, contando com a primavera. Um dos nossos vizinhos comeu uns quantos feijões-verdes — a fome toldara-lhe o raciocínio. Recordo-me dos gritos provenientes da sua casa nessa noite, e de espreitar pela janela e ver o meu pai a correr para o ajudar, levando consigo a forquilha que estava encostada ao nosso celeiro.

Certo dia, nesse verão, demasiado jovem para compreender adequadamente o perigo, consegui escapar ao olhar da minha mãe, cansada e magra, e corri até à floresta. Encontrei um espinheiro meio-morto num recanto abrigado do vento. Empurrei o meu braço através da rigidez dos ramos mortos, alcançando o coração protegido, e retirei milagrosamente uma mão-cheia de amoras pretas, que não estavam de todo deformadas e estavam inteiras, sumarentas e perfeitas. Cada uma foi uma explosão de alegria na minha boca. Comi duas mãos-cheias e enchi a minha saia; apressei-me a ir para casa, com elas a formarem manchas roxas no meu vestido, e a minha mãe chorou com horror perante a visão da minha cara besuntada. Não fiquei doente: de alguma forma, o espinheiro havia escapado à maldição do Bosque e as amoras pretas estavam boas. Mas as suas lágrimas assustaram-me a sério; após isso mantive-me afastada de amoras pretas por anos a fio.

O Dragão tinha sido chamado a apresentar-se na corte nesse ano. Ele regressou cedo, dirigiu-se diretamente para os campos e invocou fogo mágico para queimar todas as colheitas afetadas, todas as plantações envenenadas. Não fizera mais do que o seu dever, mas em seguida dirigiu-se a todas as casas de pessoas que tinham ficado doentes, entregando-lhes um

cordial mágico que lhes limpou a mente. Deu ordens para que as aldeias a oeste, que haviam escapado à epidemia, partilhassem as suas colheitas conosco, e até desistiu do seu próprio tributo nesse ano, para que ninguém passasse fome. Na primavera seguinte, imediatamente antes das sementeiras, voltou a percorrer os campos para queimar os resquícios corrompidos, evitando que se agarrassem a raízes frescas.

Mas ainda que ele nos tivesse salvo, nós não o amávamos. Ele nunca saía da sua torre para oferecer uma bebida aos homens aquando da colheita, da mesma forma que o barão dos Pântanos Amarelos fazia, ou para comprar uma qualquer bugiganga no mercado, como a mulher do barão e as suas filhas tantas vezes faziam. Por vezes havia peças de teatro encenadas por saltimbancos, ou então viriam cantores, chegados das passagens das montanhas de Rosya. Ele não os vinha ouvir. Quando os carreteiros lhe levavam o seu tributo, as portas da torre abriam-se sozinhas e eles deixavam todos os bens na cave, sem nunca sequer o verem. Ele nunca trocava mais do que um punhado de palavras com a nossa chefe de aldeia, ou mesmo com o governante de Olshanka, a maior cidade do vale, muito próxima da sua torre. Ele não tentou conquistar o nosso amor; nenhum de nós o conhecia.

E claro que também era mestre em feitiçaria negra. Relâmpagos iluminariam a sua torre numa noite de céu limpo, mesmo no inverno. Criaturas pálidas lançadas por ele pela janela percorriam as estradas e o leito do rio, a caminho do Bosque, para ficarem alerta em seu nome. E, por vezes, quando o Bosque apanhava alguém — uma rapariga pastora que se aproximara demasiado das áreas limítrofes, ao seguir o seu rebanho; um caçador que tinha bebido da fonte errada; um infeliz viajante que percorria as passagens da montanha, murmurando trechos de música que enfiavam as garras na cabeça de qualquer um —, bem, o Dragão também desceria da sua torre por eles; e aqueles que ele levava consigo nunca chegavam a regressar.

Ele não era maléfico, era distante e terrível. E ia levar Kasia consigo, por isso eu odiava-o, e já o odiara por anos a fio.

Os meus sentimentos não mudaram naquela última noite. Kasia e eu estávamos a comer as nossas castanhas. O sol pôs-se e a nossa fogueira apagou-se, mas permanecemos na clareira enquanto as brasas se mantinham acesas. Não tínhamos de percorrer um caminho muito longo na manhã seguinte. Por norma, a festa da colheita tinha lugar em Olshanka, mas no ano da escolha decorria sempre numa aldeia em que pelo menos uma das

raparigas morasse, para tornar a viagem um pouco mais fácil para as suas famílias. E a nossa aldeia tinha Kasia.

No dia seguinte odiei o Dragão ainda mais, enquanto colocava o meu novo vestido verde. As mãos da minha mãe tremiam, à medida que entrançava o meu cabelo. Nós sabíamos que seria Kasia, mas isso não significava que já não tivéssemos medo. Mas levantei as minhas saias do chão e subi para a carruagem com o máximo de cuidado possível, procurando duas vezes por farpas e deixando o meu pai ajudar-me. Eu estava determinada a fazer um esforço extra. Sabia que não adiantava de nada, mas queria que Kasia soubesse que eu a amava o suficiente para lhe dar uma oportunidade justa. Não ia fazer por parecer um monte de trapos, ou estrábica, ou desleixada, como por vezes as raparigas faziam.

Juntámo-nos na praça da aldeia, onze raparigas alinhadas. As mesas do banquete estavam dispostas num quadrado, demasiado carregadas, pois na verdade não eram suficientemente grandes para aguentarem com o tributo de todo o vale. Toda a gente se tinha reunido por detrás delas. Havia sacos de trigo e aveia amontoados em pirâmide, na relva. Éramos as únicas pessoas de pé na relva, com as nossas famílias e a nossa chefe Danka, que andava ansiosamente para trás e para a frente diante de nós, com a sua boca a mover-se silenciosamente enquanto praticava a saudação.

Não conhecia muitas das outras raparigas. Elas não eram de Dvernik. Estávamos todas em silêncio e imóveis, nas nossas belas roupas e com o cabelo entrançado, observando a estrada. Ainda não havia sinal do Dragão. A minha cabeça estava ocupada com fantasias rebuscadas. Imaginava-me a desmanchar-me em lágrimas em frente de Kasia, quando o Dragão chegasse, dizendo-lhe para me levar a mim no seu lugar, ou declarando-lhe que Kasia não queria ir com ele. Mas eu sabia que não tinha coragem para fazer nada disso.

E então, para meu horror, ele veio. Não chegou pela estrada, simplesmente aterro vindo do ar. Eu estava a olhar nessa direção quando ele apareceu: dedos no ar, depois um braço e uma perna e depois metade de um homem, algo tão impossível e tão errado que eu não conseguia desviar o olhar, ainda que o meu estômago estivesse a contorcer-se. As outras tiveram mais sorte. Não se aperceberam sequer da sua presença até ele dar o primeiro passo na nossa direção, e toda a gente tentou não vacilar de surpresa.

O Dragão não se parecia em nada com qualquer outro homem da nossa aldeia. Esperava que fosse velho, encurvado, com cabelo cinzento; morava na sua torre há cem anos, mas era alto, com uma postura reta, não

tinha barba, a sua pele resplandecia. Se o visse na rua, poderia tê-lo tomado por um jovem, pouco mais velho do que eu: alguém a quem poderia ter lançado um sorriso através das mesas do banquete, alguém que me poderia ter convidado para uma dança. Mas havia algo antinatural no seu rosto: um aglomerado de linhas perto dos olhos, quase como se os anos não lhe tocassem, mas o seu uso sim. Mesmo assim, não era um rosto feio, mas a frieza tornava-o desagradável: tudo nele parecia dizer *Eu não sou um de vós, nem faço questão de o ser*.

As suas roupas eram exuberantes, claro; o brocado do seu *zupan* teria sido suficiente para alimentar uma família durante um ano, mesmo sem os botões dourados. Mas era tão magro quanto um homem cujas colheitas tivessem corrido mal em três de quatro anos. Mantinha uma postura rígida, com a mesma energia ansiosa de um cão de caça, como se apenas desejasse poder-se retirar o mais rapidamente possível. Era o pior dia das nossas vidas, mas ele não tinha paciência para nós. Quando a nossa chefe, Danka, fez uma vénia e lhe disse «Meu senhor, deixe-me apresentar-lhe estas...», ele interrompeu-a e anuiu: «Sim, despachemos isto.»

A mão do meu pai repousava, morna, no meu ombro, enquanto se mantinha a meu lado e fazia a vénia; a mão da minha mãe apertava a minha com força do outro lado. Com relutância, deram um passo atrás com os outros pais. Como que por instinto, aproximámo-nos as onze umas das outras. Kasia e eu estávamos no final da fila. Não me atrevia a pegar-lhe na mão, mas estávamos suficientemente juntas para que os nossos braços roçassem um no outro, e eu olhei para o Dragão e senti-me a odiá-lo cada vez mais à medida que ele corria a fila e levantava o rosto de cada uma, colocando os seus dedos no queixo, para examiná-la.

Ele não falou com todas. Não proferiu uma única palavra para a rapariga ao meu lado, a que era de Olshanka, embora o seu pai, Borys, fosse o melhor criador de cavalos do vale e ela trajasse um vestido de lã tingido de um vermelho vívido, com o seu cabelo dividido em duas belas tranças presas por dois laços vermelhos. Quando chegou a minha vez, ele olhou para mim carrancudo — de olhos pretos frios e boca pálida franzida — e perguntou: «O teu nome, rapariga?»

«Agnieszka», disse eu, ou tentei dizer. Dei por mim com a boca seca. Engoli saliva. «Agnieszka», disse eu de novo, num sussurro, «meu senhor.» O meu rosto estava quente. Baixei o olhar. Constatei que, apesar de todo o cuidado que tivera, a minha saia tinha três grandes manchas de lama a manifestarem-se acima da bainha.

O Dragão avançou. E então parou, olhando para Kasia, demorando-se de uma forma que não fizera com nenhuma outra. Manteve-se ali, com a mão sob o seu queixo, um ligeiro sorriso de satisfação a curvar a sua boca rígida, e Kasia olhou para ele corajosamente, sem hesitar. Ela não tentou fazer uma voz rouca nem aguda, em vez disso respondeu firmemente e num tom musical: «Kasia, meu senhor.»

Ele voltou a sorrir para ela, não de um modo agradável, mas mais como um gato satisfeito. Dirigiu-se até ao final da fila apenas de forma superficial, mal olhando para as duas raparigas a seguir a ela. Ouvi Wensa inspirar, quase soluçando, atrás de nós, à medida que ele se virou e regressou para olhar para Kasia, ainda com aquele olhar de satisfação no rosto. E em seguida voltou a franzir a testa, virou a cabeça e fitou-me.

Tinha-me distraído acabando, afinal, por agarrar na mão de Kasia. Apertava-a com todas as minhas forças, e ela devolvia-me o aperto. Apressou-se a largar a minha mão e eu cruzei as mãos à minha frente, com as bochechas coradas, assustada. Ele limitou-se a olhar para mim, de olhos cerrados. E em seguida ergueu a sua mão e nos seus dedos ganhou forma uma pequena bola de fogo de um tom branco-azulado.

— Ela não tinha intenção — disse Kasia, com extrema bravura, defendendo-me de uma forma que eu não conseguira defendê-la a ela. A sua voz tremia, mas era audível, enquanto eu estremecia, fitando a bola. — Por favor, meu senhor...

— Silêncio, rapariga — ordenou o Dragão, e estendeu a sua mão para mim. — Pega nela.

— Eu... o quê? — disse eu, mais desnorтеada do que se ele a tivesse atirado à minha cara.

— Não fiques aí parada como uma cretina — disse ele. — *Pega nela.*

A minha mão estava a tremer, pelo que quando a ergui não consegui evitar roçar os meus dedos nos seus enquanto tentava retirar a bola da sua mão, o que odiei; a sua pele parecia estar a ferver. Mas a bola de fogo era fria como mármore e não me doeu de todo tocar nela. Aliviada, segurei-a entre os meus dedos, fitando-a. Ele olhou para mim com uma expressão de irritação.

— Bem — disse ele, de forma indelicada —, suponho que sejas tu. — Ele retirou a bola da minha mão e, por um momento, fechou o seu punho em seu redor; ela desapareceu com a mesma rapidez com que surgira. Ele virou-se e disse a Danka: — Enviem-me o tributo quando puderem.

Eu ainda não tinha compreendido o que se passara. Acho que ninguém

compreendera, nem sequer os meus pais; acontecera tudo demasiado rápido, e eu estava chocada por ter sequer atraído a sua atenção. Não cheguei a ter oportunidade de me virar e dizer um último adeus antes de ele se virar e agarrar-me o braço pelo pulso. Apenas Kasia se moveu; olhei para trás e vi-a prestes a agarrar-me em protesto, e então o Dragão, impaciente, puxou-me, levando-me a segui-lo aos tropeços, arrastando-me de seguida consigo pelo ar.

A minha outra mão tapava a boca, prestes a vomitar, quando aterrámos. Quando ele largou o meu braço, deixei-me cair de joelhos e vomitei, sem sequer ver onde estava. Ele proferiu uma exclamação murmurada de repugnância — eu tinha salpicado com vômito a ponta da sua elegante bota de pele — e disse:

— Inútil. Para de choramingar, rapariga, e limpa essa porcaria. — Ele afastou-se de mim, com os seus tacões a ecoarem pelas lajes, e desapareceu.

Permaneci ali, trémula, até ter a certeza de que não havia mais nada para sair, e em seguida limpei a minha boca com as costas da mão e ergui a cabeça, olhando em redor. Eu estava num chão de pedra, mas não era uma pedra qualquer, era mármore de um branco puro, entrelaçado por veios verdes brilhantes. Era uma divisão redonda pequena, com janelas estreitas entalhadas, demasiado altas para conseguir espreitar por elas, mas acima da minha cabeça o teto inclinava-se para dentro de forma acentuada. Eu estava no ponto mais alto da torre.

Não havia qualquer mobiliário na divisão, nem nada que eu pudesse utilizar para limpar o chão. Acabei por usar a saia do meu vestido: já estava suja, de qualquer forma. Em seguida, após algum tempo ali sentada, sentindo-me cada vez mais apavorada, enquanto nada mais acontecia, levantei-me e percorri timidamente o corredor. Eu teria utilizado qualquer outra saída da divisão que não a que ele usara, se houvesse outra. Mas não havia.

De qualquer maneira, ele já desaparecera. O curto corredor estava vazio. Tinha o mesmo piso frio de mármore, iluminado por uma luz branca pálida desconfortável proveniente de candeeiros pendurados. Não eram candeeiros a sério, apenas pedaços grandes de pedra transparente polida que brilhavam no seu interior. Havia apenas uma porta, e, no final do corredor, uma abóbada que levava a umas escadas.

Abri a porta e espreitei para dentro, nervosa, pois era melhor fazer isso do que entrar por ali adentro sem saber o que lá estaria. Mas a porta dava apenas para um pequeno quarto vazio, com uma cama estreita, uma mesa

pequena e um lavatório. Do outro lado do quarto havia uma janela grande e eu conseguia ver o céu. Corri para a mesma e inclinei-me no parapeito.

A torre do Dragão estava situada no sopé da fronteira ocidental das suas terras. Todo o nosso vale se estendia a leste, com as suas aldeias e quintas, e da janela eu conseguia ver toda a extensão do Fuso, correndo com o seu centro azul-acinzentado, acompanhado pelo castanho poeirento da estrada ao seu lado. A estrada e o rio seguiam juntos até à outra extremidade das terras do Dragão, mergulhando em extensões de florestas e ressurgindo em aldeias, até que o caminho desaparecia, imediatamente antes da vastidão negra do Bosque. O rio seguia só pelas suas profundezas e desaparecia de vista, apenas para não voltar a ser visto.

Ali estava Olshanka, a cidade mais próxima da torre, onde decorria o Grande Mercado, aos domingos: o meu pai tinha-me levado lá, por duas vezes. Mais além estava Poniets, e Radomsko, que se enrolava em redor das margens do seu pequeno rio. E depois Dvernik, com a sua ampla praça verde. Eu conseguia inclusive ver as enormes mesas brancas que tinham sido dispostas para o banquete para o qual o Dragão não quis ficar. Deixei-me deslizar até ficar de joelhos e encostei a testa ao parapeito, chorando como uma criança.

Mas a minha mãe não veio pousar a mão na minha cabeça; o meu pai não me levantou nem tentou secar-me as lágrimas com risos. Limitei-me a soluçar até ficar com demasiadas dores de cabeça para continuar a chorar, e depois disso eu estava fria e com câibras por ter ficado naquele chão penosamente duro, com o nariz a pingar e sem nada com que o limpar.

Utilizei outro pedaço da minha saia para esse fim e sentei-me na cama, tentando pensar no que fazer. O quarto estava vazio, mas arejado e arrumado, como se alguém tivesse acabado de sair dele. Provavelmente teria acontecido. Uma qualquer outra rapariga tinha vivido ali por dez anos, completamente só, a contemplar o vale, lá em baixo. Agora teria ido para casa, para se despedir da família, e o quarto passara a ser meu.

Do outro lado da cama havia um único quadro pendurado na parede. Não fazia sentido algum, era demasiado grande para aquele quarto pequeno e não continha sequer uma imagem, apenas uma faixa ampla de um verde pálido, com um castanho-acinzentado nas bordas e uma linha prateada azulada brilhante que atravessava o centro em curvas suaves e linhas prateadas mais estreitas que se lhe juntavam, provenientes das bordas. Fiquei a observá-lo e questionei-me se também aquilo seria magia. Nunca vira algo assim.

Mas havia círculos pintados ao longo da linha prateada, com distâncias familiares entre si, e após algum tempo apercebi-me de que a pintura também representava o vale, simplesmente estava plano, da mesma forma que uma ave o poderia ter visto de cima. Aquela linha prateada era o Fuso, que corria desde as montanhas até ao Bosque, e os círculos eram aldeias. As cores eram radiantes, a tinta brilhante, com pequenos sulcos. Eu quase conseguia ver as ondas no rio, o reflexo da luz do sol na água. Chamava a minha atenção e fazia-me querer olhar incessantemente. Mas, ao mesmo tempo, não gostava do que via. O quadro era uma moldura desenhada em redor do vale pleno de vida, cercado-o, e o facto de o observar fazia com que eu própria me sentisse cercada.

Afastei o olhar. Não me parecia possível permanecer naquele quarto. Eu não tinha conseguido comer ao pequeno-almoço, nem ao jantar da noite anterior; a comida não me sabia a nada. Deveria ter menos apetite agora, após me ter acontecido algo pior do que alguma vez poderia ter imaginado, mas, em vez disso, estava completamente esfomeada e não havia quaisquer servos na torre, por isso não havia ninguém para me preparar o jantar. Foi então que me ocorreu o pior pensamento: e se o Dragão estivesse à espera de que fosse eu a preparar o seu?

E em seguida um pensamento ainda pior: e *depois* do jantar? Kasia sempre dissera que acreditava nas mulheres que tinham regressado e que diziam que o Dragão nunca lhes pusera uma mão em cima.

— Ele já leva raparigas consigo há cem anos — dissera ela, em tom firme. — Pelo menos *uma* delas já o teria admitido, e já teriam espalhado a palavra.

Mas, algumas semanas antes, ela tinha pedido à minha mãe, em privado, para lhe ensinar o que acontecia quando uma rapariga casava — para lhe explicar o que a sua própria mãe lhe teria contado, na noite antes de casar. Eu tinha ouvido a sua conversa por acaso, através da janela, ao regressar do bosque, e deixei-me ficar ali, ao lado da janela, escutando-a enquanto lágrimas quentes me escorriam pelo rosto, furiosa, tão furiosa pelo que iria acontecer a Kasia.

E agora isso iria acontecer-me a *mim*. E eu não era corajosa — eu não me achava capaz de inspirar profundamente, evitando contrair-me, tal como a minha mãe dissera a Kasia para fazer, para que não doesse. Dei por mim a imaginar, por um terrível momento, o rosto do Dragão tão próximo do meu, ainda mais próximo do que quando ele me tinha inspecionado durante a escolha — os seus olhos negros, frios e brilhantes como pedra,

aqueles dedos rijos como aço, tão estranhamente quentes, afastando o meu vestido da minha pele, enquanto ele me olhava de cima a baixo, com o seu sorriso de satisfação. E se todo o seu corpo fosse febril, fazendo com que eu quase o sentisse queimar como uma brasa, sobre o meu corpo, enquanto ele se deitava por cima de mim e...

Abanei a cabeça, tentando apagar esses pensamentos da mente, e levantei-me. Olhei para a cama e em redor daquele quarto minúsculo, sem ter onde me esconder, e em seguida apressei-me a sair do mesmo e regresssei ao corredor. Havia um lanço de escadas no final, descendo em espiral, por isso eu não conseguia ver o que haveria lá em baixo. Poderá parecer ridículo ter-se medo de descer umas escadas, mas eu estava aterrorizada. Quase decidi regressar ao meu quarto. Por fim, de mão apoiada na parede de pedra suave, comecei a descer lentamente, pousando ambos os pés num degrau e não descendo para o seguinte até que me certificasse de que nada ouvia. Após ter utilizado essa estratégia para dar a primeira volta, e ao constatar que nada me aparecera à frente, comecei a sentir-me algo idiota e decidi descer mais rápido. Mas depois dei mais uma volta, e ainda não via o fim; e a seguir outra, e subitamente voltei a ficar com medo, mas desta vez com receio de que as escadas fossem mágicas e simplesmente nunca terminassem e... enfim. Comecei a descer cada vez mais rápido, e depois saltei três degraus até ao próximo patamar, esbarrando no Dragão.

Eu era escanzelada, mas o meu pai era o homem mais alto da aldeia e eu chegava-lhe aos ombros, e o Dragão não era um homem muito grande. Quase tombámos os dois pelas escadas. Ele agarrou o corrimão com uma mão, numa reação rápida, e o meu braço com a outra, conseguindo, de alguma forma, evitar que caíssemos no chão. Dei por mim a apoiar-me nele, agarrada ao seu casaco e a fitar diretamente a sua cara assustada. Por momentos ele tinha ficado demasiado surpreendido para conseguir pensar e parecia um homem normal, assustado por lhe aparecer algo à frente, aparentando ser algo ridículo e brando, com a boca escancarada e os olhos bem abertos.

Eu própria estava tão surpreendida que não me conseguia mover — limitei-me a ficar ali, a olhar para ele, de boca aberta em espanto, mas ele recuperou rapidamente; subitamente, um rasgo de fúria invadiu-lhe o rosto e ele levantou-me sobre os meus pés. Foi então que me apercebi do que tinha acontecido e, em puro estado de pânico, antes que ele pudesse falar, disse:

— Estou à procura da cozinha!

— *Ai estás* — disse ele, num tom calmo. O seu rosto já não parecia

suave, de todo, mostrando-se duro e furioso, e ele ainda não tinha largado o meu braço. O seu aperto era forte, doloroso; conseguia sentir o calor através da manga da minha túnica. Ele puxou-me para si e inclinou-se na minha direção — creio que teria gostado de me olhar de cima, mas, como não o podia fazer, isso tornava-o ainda mais raivoso. Se eu tivesse tido um momento para pensar sobre o assunto, ter-me-ia encolhido e tornado mais pequena, mas estava demasiado cansada e assustada. Assim, em vez disso, o rosto dele estava em frente do meu, tão perto que a sua respiração chegava aos meus lábios, fazendo com que não só ouvisse como também sentisse o seu sussurro malicioso e frio. — Então talvez seja melhor eu levar-te lá.

— Eu posso... Eu posso... — balbuciei, a tremer, tentando inclinar-me para trás. Ele afastou-se de mim e arrastou-me pelas escadas abaixo, dando voltas e mais voltas, cinco voltas até chegarmos ao patamar seguinte, e depois mais três, com a luz a tornar-se cada vez mais escassa, até que, por fim, me arrastou para o piso inferior da torre, nada mais do que uma masmorra de paredes despidas de pedra esculpida, com uma enorme lareira em formato de boca invertida, de onde brotavam labaredas infernais.

Arrastou-me até ela e, num momento aterrorizante de lucidez, apercebi-me de que ele me queria atirar lá para dentro. Ele era tão forte, muito mais forte do que a sua constituição física faria adivinhar, e tinha-me puxado atrás de si com extrema facilidade, pelas escadas abaixo. Mas eu não ia deixá-lo atirar-me ao fogo. Eu não era uma rapariga ao estilo de uma donzela; eu tinha passado toda a minha vida a correr pelos bosques, a trepar às árvores e a invadir espinheiros, e a sensação de pânico fornecia-me uma força considerável. Gritei à medida que ele me puxava para a lareira, e em seguida comecei a debater-me, arranhando e contorcendo-me, pelo que, dessa vez, consegui realmente levá-lo ao chão.

Caí com ele. Batemos com as cabeças nas lajes, mantendo-nos por algum tempo deitados, estonteados, com os nossos membros entrelaçados. O fogo ardia e crepitava ao nosso lado e à medida que o meu pânico desaparecia apercebi-me abruptamente de que na parede ao seu lado havia pequenas portas de forno de aço, à sua frente um espeto para assar, e acima uma prateleira enorme com potes de culinária. Estávamos apenas na cozinha.

Passados uns momentos, num tom quase de descrença, ele disse:

— Estás louca?

— Pensei que me íeis atirar para dentro do forno — disse, ainda estonteada, e em seguida comecei a rir.

Não era um riso genuíno — então, eu estava algo histérica, exausta e esfomeada, com os meus tornozelos e joelhos feridos por ter sido arrastada escadas abaixo e com a minha cabeça a latejar como se tivesse partido o crânio, e simplesmente não conseguia parar de rir.

Mas *ele* não sabia disso. Tudo o que sabia é que a rapariga estúpida da aldeia que ele escolhera estava a rir na sua cara, na cara do Dragão, o maior mago do reino e o seu senhor e mestre. Creio que, até então, e ao longo de cem anos, ninguém alguma vez se rira dele. Levantou-se, esperneando para se libertar das minhas pernas, e ao levantar-se olhou-me de cima, como um cão raivoso. Limitei-me a rir ainda mais, e em seguida ele virou-se de forma abrupta e deixou-me ali, a rir, no chão, como se não soubesse que mais poderia fazer comigo.

Após ele sair, os meus risos começaram a diminuir e, de alguma forma, senti-me menos vazia e assustada. No final de contas, ele não me tinha atirado para o forno nem me tinha esbofeteado. Levantei-me e olhei em redor: era difícil ver o que quer que fosse, pois a lareira tinha um brilho intenso e não havia luzes provenientes de outras fontes, mas quando virei as costas para as chamas comecei a distinguir os contornos daquela enorme divisão: era, afinal, um espaço dividido em alcovas e com paredes baixas, com estantes cheias de garrafas de vidro reluzentes — com vinho no seu interior, apercebi-me. O meu tio tinha, em certa ocasião, levado uma garrafa para a casa da minha avó, para o inverno.

Por toda a divisão podiam ver-se provisões: barris de maçãs embrulhadas em palha, batatas, cenouras e pastinagas em sacos, cordas enormes entrançadas de cebolas. Numa mesa a meio da divisão estava um livro de pé, com uma vela apagada, um tinteiro e uma pena, e quando o abri encontrei um registo de todas as provisões, escrito com força excessiva. Ao fundo da primeira página havia uma nota escrita em letra muito pequena; quando acendi a vela e me baixei para espreitar, quase não conseguia lê-la:

Pequeno-almoço às oito, almoço à uma, jantar às sete. Deixa a refeição na biblioteca, cinco minutos antes, e assim não necessitarás de o ver — não é necessário dizer a quem — o dia inteiro. Coragem!

Um conselho inestimável, e aquela parte de *Coragem!* era quase como o toque da mão de um amigo. Encostei o livro a mim, sentindo-me menos só do que em qualquer outra ocasião daquele dia. Parecia ser meio-dia e o Dragão não tinha comido na nossa aldeia, pelo que decidi preparar o almoço. Eu não era grande cozinheira, mas a minha mãe insistira comigo até que eu conseguisse preparar uma refeição, e, na minha família, era

eu quem sempre ia buscar todos os alimentos, por isso sabia distinguir o fresco do podre, e quando é que uma peça de fruta estaria madura. Eu nunca tivera tanta variedade à minha disposição: havia inclusive gavetas com especiarias que cheiravam a bolo de inverno, e um barril inteiro de sal cinzento fresco.

Ao fundo da divisão havia um lugar estranhamente frio, onde encontrei carne pendurada: um veado inteiro e duas lebres grandes; havia uma caixa de palha cheia de ovos. Havia pão fresco, já cozido, embrulhado num pano de tecido por cima do forno, e ao seu lado descobri um pote cheio de coelho, trigo-sarraceno e pequenas ervilhas, tudo junto. Provei-o: parecia algo adequado para um dia de banquete, bastante salgado e com um toque doce, tão tenro que parecia desfazer-se na boca; mais uma oferta da mão anónima do livro.

Eu não sabia, de todo, confeccionar algo semelhante, e estremeci ao pensar que o Dragão estaria à espera disso. Mesmo assim, estava desesperadamente grata por ter aquele pote pronto. Voltei a pousá-lo na prateleira acima da lareira para aquecer — enquanto fazia isso, verti um pouco sobre o meu vestido — e levei dois ovos num prato ao forno, para cozerem, e encontrei uma bandeja, uma taça, um prato e uma colher. Quando o coelho ficou pronto servi-o na bandeja, cortei o pão — tive de o cortar, pois tinha arrancado e comido uma das suas extremidades enquanto esperava que o coelho aquecesse — e fui buscar a manteiga. Ainda assei uma maçã, utilizando especiarias: a minha mãe tinha-me ensinado a fazê-lo para o nosso jantar de domingo no inverno, e havia ali tantos fornos que eu podia fazer isso ao mesmo tempo que tudo o resto cozia. Senti até algum orgulho em mim mesma, quando já estava tudo servido na bandeja: parecia um dia de festa, ainda que um estranho, com comida suficiente para apenas um homem.

Levei-a pelas escadas acima, com cuidado, mas já era demasiado tarde quando me apercebi de que não sabia onde era a biblioteca. Se tivesse dedicado algum tempo a pensar nisso poderia ter concluído que não seria no piso inferior, e de facto não era, mas não descobri isso até depois de andar às voltas, de bandeja nas mãos, por um enorme corredor circular, com as janelas cobertas por cortinas e um cadeirão semelhante a um trono no final do mesmo. Ao fundo havia uma outra porta, mas quando a abri encontrei apenas o corredor de entrada e as enormes portas da torre, com três vezes a minha altura e barrada com uma trave grossa de madeira em suportes de ferro.

Virei-me e regressei pelo corredor até às escadas, subindo até ao patamar de cima, e aí encontrei o chão de mármore coberto por um tecido felpudo. Eu nunca tinha visto uma carpete. Por isso é que não tinha ouvido os passos do Dragão. Arrastei-me ansiosamente pelo corredor e espreitei pela primeira porta. Apressei-me a sair: a divisão estava cheia de mesas compridas, garrafas estranhas, poções borbulhantes e faíscas coloridas misteriosas, que não provinham de qualquer lareira; não quis passar ali nem mais um minuto. Mesmo assim, arranjei forma de pisar o meu vestido e rasgá-lo.

Por fim, a porta seguinte, do outro lado do corredor, dava para uma divisão cheia de livros: prateleiras de madeira, que iam do chão ao teto, carregadas de livros. Cheirava a mofo e havia apenas algumas pequenas janelas a deixar entrar luz. Fiquei tão contente por ter encontrado a biblioteca que, de início, não reparei que o Dragão estava lá dentro: sentado num cadeirão, com um livro aberto numa pequena mesa entre as suas coxas, era tão grande que cada página era do comprimento do meu antebraço e tinha um aloquete dourado pendurado na capa.

Fitei-o, imobilizada, sentindo-me traída pelo conselho no livro. De alguma forma, eu presumira que o Dragão iria, para minha conveniência, manter-se ausente até que eu tivesse oportunidade de pousar a sua refeição. Ele não tinha erguido a cabeça para olhar para mim, mas, em vez de me limitar a andar silenciosamente com a bandeja até à mesa ao centro da divisão, pousando-a e saindo rapidamente, permaneci à entrada e disse:

— Eu... eu trouxe-vos o jantar. — Não queria entrar a não ser que ele me dissesse para o fazer.

— A sério? — disse ele, num tom mordaz. — Sem caíres num fosso pelo caminho? Estou atónito. — Apenas nesse momento ele olhou para mim, franzindo a testa. — Ou *será* que caíste num fosso?

Olhei para mim. A minha saia tinha uma mancha hedionda, do vómito — eu limpara-a o melhor que pudera na cozinha, mas não desaparecera — e outra no sítio onde assoara o nariz. Havia outras três ou quatro manchas de pingos do estufado, e uns quantos salpicos da pia onde eu tinha lavado os jarros. A bainha ainda estava enlameada, dessa manhã, e tinha feito mais alguns furos sem sequer me ter apercebido. A minha mãe tinha entrançado e enrolado o meu cabelo nessa manhã, fixando-o num carrapito, mas a maioria das partes enroladas já haviam caído e agora nada mais restava do que um enorme emaranhado de cabelos em nós, pendurados a meio do pescoço.

Eu não tinha reparado; para mim não era fora de normal, exceto pelo facto de estar a usar um bom vestido debaixo de toda aquela bodegada.

— Eu estive... eu cozinhei, e limpei — tentei explicar.

— A coisa mais imunda nesta torre és *tu* — disse ele. Era verdade, mas não deixava de ser pouco cortês. De passo acelerado e cabisbaixa, avancei até à mesa. Pousei e verifiquei tudo, e em seguida constatei, apavorada, que com todo o tempo que perdera a deambular tinha tudo ficado frio, exceto a manteiga, que não passava de algo pastoso e mole no seu prato. Até a minha saborosa maçã assada tinha solidificado.

Contemplei tudo aquilo com desalento, tentando decidir o que deveria fazer: voltar a levar tudo lá para baixo? Ou será que ele não se iria importar? Virei-me para trás, para olhar para ele, e quase dei um grito: ele estava de pé atrás de mim, a espreitar a comida por cima do meu ombro.

— Estou a ver porque é que tinhas medo que eu te assasse — disse ele, inclinando-se para pegar numa colher de guisado, quebrando a camada de gordura arrefecida no topo e voltando a enterrá-la. — Tu darias uma melhor refeição do que isto.

— Eu não sou uma cozinheira excepcional, mas... — comecei, com o intuito de explicar que não era assim tão terrível nessa tarefa, simplesmente ainda não conhecia os cantos à casa, mas ele bufou, interrompendo-me.

— Há alguma coisa que *consigas* fazer? — perguntou, em tom de troça.

Se ao menos me tivessem ensinado a servir melhor, se ao menos eu alguma vez tivesse considerado verdadeiramente a possibilidade de ser escolhida e se me tivesse preparado melhor para tudo aquilo; se ao menos estivesse um pouco menos miserável e cansada, se ao menos não me tivesse sentido um pouco orgulhosa na cozinha; se ao menos ele não me tivesse acusado de parecer um trapo velho, da mesma forma que toda a gente que me amava fazia, mas com malícia em vez de carinho — qualquer dessas coisas, e se ao menos eu não tivesse ido contra ele nas escadas, e se tivesse descoberto que ele *não* me ia atirar para a lareira, provavelmente ter-me-ia limitado a corar, fugindo de seguida.

Em vez disso atirei a bandeja para a mesa, magoada, e gritei:

— Nesse caso, porque me escolheste? Porque não trouxeste Kasia?

Calei-me assim que o disse, envergonhada comigo própria, e horrORIZADA ao mesmo tempo. Estava prestes a abrir a boca para retirar imediatamente o que tinha dito, para lhe pedir desculpa, mencionar que não dissera aquilo com intenção, que não queria dizer que ele deveria ter escolhido Kasia, que iria à cozinha e lhe prepararia outra bandeja...

Ele respondeu, impacientemente.

— Quem?

Olhei para ele, de boca aberta.

— Kasia! — respondi. Ele limitou-se a olhar para mim como se tivesse acabado de lhe dar mais provas da minha idiotice, levando-me a esquecer as minhas intenções nobres no meio da confusão. — Ias escolhê-la! Ela... ela é mais inteligente, e corajosa, e uma cozinheira esplêndida, e...

A cada segundo que passava, ele parecia ficar mais irritado.

— Sim — provocou ele, interrompendo-me. — Lembro-me da rapariga: não era carrancuda, nem estava num estado lastimável, e imagino que, por esta hora, não me estaria a massacrar. Basta. Vocês, raparigas das aldeias, são todas entediantes no início, umas mais outras menos, mas tu estás a provar ser um paradigma notável para incompetência.

— Então não precisas de me manter aqui! — vociferei, raivosa e sentindo-me magoada... *carrancuda*, doera ouvir isso.

— Para minha grande tristeza — disse ele —, aí é que tu te enganas.

Agarrou a minha mão pelo pulso e abanou-me: manteve-se perto, atrás de mim, e esticou o meu braço por cima da comida na mesa.

— *Lirintalem* — disse ele, uma palavra estranha que borbulhara para fora da sua boca e que soara estridente nos meus ouvidos. — Repete comigo.

— O quê? — disse; eu nunca tinha ouvido aquela palavra. Mas ele puxou-me ainda mais para ele, encostou a sua boca à minha orelha e sussurrou, num tom terrível: «*Di-lo!*»

Estremeci e, desejando apenas que me largasse, disse a palavra, «*Lirintalem*», enquanto ele mantinha a minha mão por cima da comida.

O ar ondulou sobre a comida, algo horrível de se ver, como se todo o mundo não passasse de um charco ao qual ele pudesse atirar pedras. Quando voltou a suavizar, toda a comida havia mudado. Onde havia ovos cozidos passou a haver frango assado; em vez da tigela com coelho estufado, um monte de feijão verde, ainda que passassem sete meses da sua época; em vez da maçã assada, uma pequena tarte cheia de fatias finíssimas de maçã, cravejada com passas enormes e coberta de mel.

Ele largou-me. Cambaleei com a perda do seu apoio, agarrando-me à beira da mesa, de pulmões vazios, como se alguém se tivesse sentado em cima do meu peito; sentia-me como um limão espremido para uma limonada. Comecei a ver luzes brancas e inclinei-me para a frente, quase desmaiando. Apenas conseguia vê-lo à distância, a olhar para baixo, para a

bandeja, com uma carranca estranha, como se estivesse simultaneamente surpreso e irritado.

— O que me fizeste? — sussurrei, quando voltei a conseguir respirar.

— Para de choramingar — disse ele, com desdém. — Não passa de um pequeno feitiço. — Qualquer que fosse a surpresa que ele tivesse sentido já desaparecera; sacudiu a sua mão na direção da porta à medida que se sentava à mesa, para jantar. — Muito bem, toca a sair. Já estou a ver que vais fazer-me desperdiçar uma quantidade exorbitante do meu tempo, mas por hoje já chega.

Por fim, fiquei contente por atender a um pedido seu. Não tentei pegar na bandeja, simplesmente me retirei lentamente da biblioteca, levando a mão ao corpo. Ainda estava bastante enfraquecida. Precisei de quase meia hora para me arrastar pelas escadas acima, até ao último andar, e depois entrei no pequeno quarto e fechei a porta, puxando a cómoda para impedir a sua abertura, e deixei-me cair na cama. Se o Dragão bateu à porta enquanto eu dormia, não ouvi nada.

CAPÍTULO 2

Não voltei a ver o Dragão durante quatro dias. Passei o tempo todo na cozinha, de manhã à noite: eu tinha encontrado lá alguns livros de receitas e ia trabalhando em cada uma delas, uma a seguir à outra, freneticamente, com o intuito de me tornar na melhor cozinheira de que alguma vez alguém ouvira falar. Havia comida suficiente na despensa para não ter de me preocupar com desperdícios; se algo ficasse mal, eu própria o comia. Decidi seguir o conselho e levei as suas refeições à biblioteca exatamente cinco minutos antes da hora, tapando a comida e apressando-me a retirar. Ele nunca lá estava quando eu chegava, o que me fazia ficar contente, além de não ter de ouvir quaisquer queixas da sua parte. Havia algumas roupas simples numa caixa no meu quarto que me serviam, mais ou menos — as minhas pernas estavam nuas dos joelhos para baixo, os meus braços dos cotovelos para baixo, e tinha de as amarrar na cintura, mas eu estava mais apresentável do que alguma vez estivera.

Não lhe queria agradar, mas queria evitar que ele alguma vez me voltasse a fazer o mesmo, fosse qual fosse aquele feitiço que ele tinha feito. Eu tinha acordado dos meus sonhos quatro vezes em cada noite, sentindo a palavra *lirintalem* nos meus lábios e sentindo-lhe o sabor como se ela aí pertencesse, além da sua mão a arder no meu braço.

No que toca a companheiros, o medo e o trabalho não eram maus de todo. Ambos eram bem melhores do que a solidão, e do que os receios mais profundos, aqueles bem piores que eu sabia que viriam a tornar-se realidade: que não iria ver a minha mãe e o meu pai durante dez anos, que nunca voltaria a morar na minha própria casa, que nunca voltaria a correr livremente pelos bosques, fosse qual fosse a estranha química que se apoderasse das raparigas do Dragão, em breve atuaria em mim, tornando-me em alguém que, no final, não seria capaz de reconhecer. Pelo menos enquanto

cortava legumes e trabalhava em frente aos fornos não tinha de pensar em nada disso.

Após alguns dias, quando me apercebi de que ele não viria utilizar aquele feitiço em cada refeição, parei com a minha maratona de culinária. Mas depois descobri que não tinha nada mais para fazer, mesmo que procurasse alguma ocupação. Por muito grande que a torre fosse, não precisava de ser limpa: não havia pó a acumular-se nos cantos nem nos parapeitos das janelas, nem sequer nas minúsculas videiras esculpidas na moldura dourada.

Eu continuava a não gostar da pintura do mapa no meu quarto. Todas as noites imaginava ouvir um gorgolejar mudo a sair dele, como água a correr por uma valeta, e todos os dias permanecia ali, na parede, em toda a sua glória excessiva, tentando levar-me a olhar para ela. Após olhá-la com desdém, fui para o piso de baixo. Esvaziei um saco de nabos na cave, rasguei as costuras e utilizei o tecido para tapar a pintura. O meu quarto ficou imediatamente mais agradável, com o ouro e o esplendor da pintura escondidos.

Passei o resto dessa manhã a olhar novamente pela janela, para lá do vale, sentindo-me só, corroída pela saudade. Era um dia normal de trabalho, por isso havia homens nos campos a fazer a colheita e mulheres no rio a lavar as roupas. Até o Bosque quase me parecia reconfortante, com toda a extensão do seu negrume selvagem e impenetrável — uma constante inalterada. O enorme rebanho de ovelhas que pertencia a Radomsko estava a pastar nos sopés das montanhas, no extremo mais a norte do vale; assemelhava-se a uma nuvem branca errante. Fiquei a observar o seu vaguear durante algum tempo e chorei um pouco, mas até a tristeza tem os seus limites. Pela hora do jantar estava terrivelmente aborrecida.

A minha família não era pobre nem rica; tínhamos sete livros na nossa casa. Eu apenas lera quatro deles; ao longo da minha vida tinha passado mais dias fora de casa do que dentro, mesmo no inverno e em dias chuvosos. Mas já não tinha muitas outras alternativas, por isso quando, no final dessa tarde, levei a bandeja com o jantar à biblioteca, dei uma olhadela às prateleiras. Certamente não haveria mal algum se de lá retirasse um. As outras raparigas deveriam ter retirado livros, já que toda a gente dizia sempre o quão eruditas elas eram quando deixavam de estar ao serviço do Dragão.

Assim, atrevi-me a ir a uma prateleira e escolhi um livro que, praticamente, implorava para ser tocado: estava belissimamente encadernado de couro polido, da cor do trigo, brilhando à luz da vela, lustroso e convidativo. Assim que o retirei, hesitei: era maior e mais pesado do que qualquer

dos livros da minha família, e, além disso, a capa tinha gravadas imagens encantadoras pintadas a ouro. Mas não havia qualquer aloguete, por isso levei-o comigo para o meu quarto, sentindo-me culpada e tentando convencer-me de que estava a ser tonta por me sentir assim.

Depois abri-o e senti-me ainda mais tonta, pois não conseguia compreender nada do que lá estava escrito. Não da forma habitual, de não conhecer as palavras, ou de não saber o que grande parte delas queria dizer — eu *compreendia-as* todas, e tudo o que estava a ler, ao longo das primeiras três páginas, mas depois fiz uma pausa e questionei-me, de que tratava aquele livro? E não conseguia responder; não fazia a mínima ideia do que tinha lido.

Voltei a tentar, e uma vez mais tive a certeza de que estava a compreender e tudo começou a fazer sentido — mais até do que fazer sentido; uma sensação de verdade, de algo que sempre soubera e que simplesmente nunca colocara por palavras, ou de explicar claramente algo que nunca tinha entendido. Eu ia anuindo com satisfação, continuando, e dessa vez cheguei à quinta página, até que, uma vez mais, constatei que não conseguiria contar o que a primeira página continha, ou até a página anterior.

Fitei o livro, ressentidamente, e depois abri-o novamente na primeira página e comecei a ler em voz alta, uma palavra de cada vez. As palavras soavam como canções na minha boca, belas, derretendo-se como fruta caramelizada. Eu ainda não conseguia reter a informação na minha cabeça, mas continuei a ler, sonhadora, até que a porta se abriu de rompante.

Por essa altura eu tinha parado de barricar a porta com mobiliário. Estava sentada na minha cama, tinha-a empurrado para baixo da janela, por forma a ter mais luz, e o Dragão estava do outro lado do quarto, à entrada. Fiquei imobilizada, surpreendida, e parei de ler, com a boca escancarada. Ele estava furioso; os seus olhos tinham um brilho ameaçador e ele estendeu uma mão e disse: «*Tualidetal*».

O livro tentou saltar-me das mãos, para voar pelo quarto até ele. Guiada por um qualquer instinto equivocado, tentei agarrá-lo, cegamente. O livro contorceu-se, tentando libertar-se, mas, possuída por uma persistência parva, dei-lhe um abanão e consegui puxá-lo de volta para os meus braços. Ele fitou-me, boquiaberto, com a sua raiva a intensificar-se a cada momento; avançou pela pequena divisão, enquanto, já demasiado tarde, eu tentava fugir, mas não tinha para onde ir. Num piscar de olhos ele alcançou-me, atirando-me contra as minhas almofadas.

— Ora bem — disse ele, num tom calmo, com a sua mão pressionada

contra a minha clavícula, prendendo-me facilmente à cama. Parecia que o meu coração se deslocava para trás e para a frente entre o esterno e as costas, com cada uma das suas batidas a fazer-me estremecer. Ele agarrou o livro com uma mão — pelo menos não fui suficientemente estúpida para *continuar* a tentar mantê-lo junto a mim — e, num ligeiro movimento, atirou-o de forma a que aterrasse em cima da pequena mesa. — Agnieszka, certo? Agnieszka de Dvernik.

Ele parecia estar à espera de obter resposta.

— Sim — sussurrei.

— Agnieszka — murmurou, inclinando-se para mim, e apercebi-me de que ele me queria beijar. Fiquei aterrorizada, mas, ao mesmo tempo, já só queria que ele se despachasse com aquilo, para que não tivesse de ter tanto medo, mas depois ele não fez nada disso. Inclinando-se de tal forma que conseguia ver o reflexo dos meus olhos nos seus, disse: — Conta-me, minha querida Agnieszka, de onde é que vens mesmo? Foi o Falcão que te enviou? Ou talvez até o próprio rei?

Parei de fitar com terror a sua boca e dirigi os meus olhos para os seus.

— Eu... o quê? — perguntei.

— Eu *vou* descobrir — disse ele. — Por muito engenhoso que seja o feitiço do teu mestre, conterà falhas. A tua... *família*... — Ele proferiu a palavra com desdém. — Eles podem achar que se lembram de ti, mas certamente não terão todas as coisas pertencentes à vida de uma criança. Um par de luvas, ou um chapéu gasto, uma coleção de brinquedos estragados... Eu não vou encontrar essas coisas na tua casa, pois não?

— Os meus brinquedos estavam todos estragados? — disse eu, sentindo-me impotente, agarrando-me à única parte do seu discurso que havia compreendido. — Eles... sim? As minhas roupas estavam sempre todas gastas, estão guardadas no nosso saco de pano...

Ele empurrou-me com força contra a cama e inclinou-se.

— Não te atrevas a mentir-me! — disse, num tom sibilante. — Eu vou arrancar a verdade da tua garganta...

Os seus dedos estavam pousados no meu pescoço; a sua perna estava na cama, entre as minhas. Num momento de puro terror, levei as mãos ao meu peito e lancei-me com todo o meu peso contra a cama, levando-nos a cair ambos para o chão, com ele por baixo de mim, e não tardei a sair-lhe de cima e a correr para a porta. Dirigi-me para as escadas. Não sei para onde é que pensava que estava a ir: não poderia sair pela porta da entrada e não havia nenhum outro sítio para onde ir. Fugiu, mesmo assim:

precipitei-me a descer dois lanços de escadas e quando ouvi os seus passos atrás de mim atirei-me para dentro do laboratório mal iluminado, com todos os seus vapores e fumos sibilantes. Rastejei desesperadamente para baixo das mesas num canto escuro, por detrás de um armário alto, e aninhei-me.

Eu tinha fechado a porta atrás de mim, mas isso não parecera impedi-lo de saber para onde é que fora. Ele abriu-a e espreitou para a divisão e eu pude vê-lo sobre a beira de uma mesa, o seu olhar frio e raivoso entre duas provetas de vidro, o rosto pintado em tons de verde pelas chamas. Ele contornou a mesa num passo seguro, sem pressas, e quando se aproximava do fim da mesma lancei-me para a frente, tentando fugir noutra direção, com o intuito de chegar à porta — de alguma maneira, tivera a ideia de o trancar lá dentro. Mas embati na prateleira estreita que havia na parede. Um dos frascos rolhados atingiu-me nas costas, rolou para baixo e quebrou-se no chão, aos meus pés.

Uma nuvem de fumo cinzenta subiu e envolveu-me, entrando-me pelo nariz e pela boca adentro, sufocando-me, paralisando-me. Ardia-me nos olhos e eu não conseguia piscá-los, não conseguia erguer a mão para esfregá-los, os meus braços recusavam-se a obedecer-me. A tosse invadiu a minha garganta e parou; todo o meu corpo começou a imobilizar-se, lentamente, comigo ainda agachada no chão. Mas já não sentia medo e, passados uns instantes, também não sentia desconforto. De alguma forma tinha ficado, simultaneamente, pesada e leve, distante. Conseguia ouvir muito vagamente e distantes os passos do Dragão, à medida que se aproximava, acima de mim, e não me importava com o que ele faria.

Permaneceu ali, a olhar-me de cima, com uma impaciência fria. Não tentei adivinhar o que ele iria fazer; não conseguia pensar nem adivinhar. O mundo não passava de uma mancha cinzenta imóvel.

— Não — disse ele, passado um momento —, não, é impossível que sejas uma espia.

Ele virou-se e deixou-me ali, durante algum tempo — eu não saberia dizer por quanto tempo, poderia ter sido uma hora, uma semana ou um ano, embora mais tarde viesse a descobrir que tinha sido apenas meio dia. Então, por fim, ele regressou, com uma expressão de desagrado. Ergueu na mão uma coisa pequena e maltrapilha, que outrora fora um pequeno porco, tricotado em lã e preenchido com palha, antes de eu o ter arrastado atrás de mim pelos bosques ao longo dos primeiros sete anos da minha vida.

— Bem — disse ele —, não és espia. Apenas uma espertalhona.

Em seguida, ele pousou a sua mão na minha cabeça e disse: «*Tezavon tahozh, tezavon tahozh kivi, kanzon lihush.*»

Ele não recitou propriamente as palavras, foi mais dizê-las numa espécie de cântico, quase como uma canção: à medida que falava, cor, tempo e ar voltaram ao meu mundo; a minha cabeça libertou-se e fugi de baixo da sua mão. O efeito de pedra começava lentamente a abandonar os meus órgãos. Os meus braços libertaram-se, agitando-se na tentativa de se agarrarem a qualquer coisa enquanto as minhas pernas ainda petrificadas me mantinham presa àquele lugar. Ele agarrou-me os pulsos, por isso, quando finalmente me senti completamente liberta, estava presa pela sua mão, sem qualquer hipótese de fuga.

No entanto, não tentei fugir. Os meus pensamentos, subitamente livres, corriam numa dezena de direções, como se estivessem a tentar recuperar do tempo perdido, mas fiquei com a sensação de que se ele tivesse querido fazer-me algo terrível ter-se-ia limitado a deixar-me petrificada, e pelo menos ele tinha parado de pensar em mim como alguma espécie de espia. Eu não compreendia por que motivo pensava que alguém quereria espia-lo, muito menos o rei; afinal, ele era o mago do rei, não era?

— E agora vais dizer-me: o que estavas a fazer? — perguntou. O seu olhar era ainda de suspeita, frio e cintilante.

— Eu apenas queria um livro para ler — disse. — Não pensei... eu não pensei que fizesse mal...

— E calhaste logo de pegar na *Invocação de Luthe*, para um momento de leitura — disse ele, mordaz —, só por acaso... — até que, provavelmente, o meu olhar alarmado e vazio o convenceu, levando-o a parar e a olhar para mim com manifesta irritação. — Que talento incomparável, o teu, para desastres.

Depois olhou para baixo, carrancudo, e eu segui o seu olhar para os estilhaços do frasco de vidro aos nossos pés: expeliu ar por entre os seus dentes e disse, abruptamente: «Limpa isto e depois vai ter à biblioteca. E não toques em mais nada.»

Ele saiu da divisão, deixando-me para ir buscar alguns trapos da cozinha, para apanhar os vidros, e um balde — também lavei o chão, ainda que não houvesse resquícios de nada despejado, como se a magia se tivesse evaporado como licor num pudim. Parei várias vezes, erguendo a mão do chão de pedra e virando-a para cima e para baixo, certificando-me de que a pedra não estaria a regressar pelas pontas dos meus dedos. Eu não conseguia deixar de tentar perceber qual o motivo que o levaria a ter um frasco

daquilo na sua prateleira, e se ele alguma vez o teria utilizado em alguém — alguém que se tivesse tornado numa estátua algures, de olhar plácido, com o tempo a passar ao seu lado; estremeci.

Tive muito, mas mesmo muito cuidado para não tocar em mais nada da divisão.

Quando, por fim, me resignei a voltar à biblioteca, o livro que retirara já estava de volta na prateleira. Ele estava a andar, com o seu próprio livro pousado e ignorado na pequena mesa, e quando entrei olhou para mim e voltou a franzir a testa. Olhei para baixo: a minha saia tinha partes molhadas, devido a ter estado a esfregar o chão, além de que era demasiado curta, mal me tapando os joelhos. As mangas da minha túnica estavam ainda piores: tinha sujado as pontas com ovo, nessa manhã, ao preparar o seu pequeno-almoço, e tinha chamuscado um pouco o cotovelo, ao retirar a tosta antes que queimasse.

— Nesse caso, comecemos por *isso* — disse o Dragão. — Eu não preciso de me sentir ofendido de cada vez que olho para ti.

Mantive a boca fechada a pedidos de desculpa: se começasse a desculpar-me por estar mal amanhada, passaria toda a minha vida nisso. Dava para notar, por aqueles poucos dias na torre, que ele adorava coisas belas. Até nas pilhas de livros que tinha, nenhum deles era igual ao outro: encadernações de pele com diferentes cores, fechaduras e lombadas de ouro e, por vezes, até com pequenas joias incrustadas. Tudo aquilo em que alguém pudesse pousar o olhar, quer fosse um pequeno copo de vidro soprado no parapeito da janela da biblioteca, ou o quadro no meu quarto, era belo e tinha um sítio próprio, por forma a poder brilhar sem distrações. Eu não passava de um borrão brilhante nessa perfeição. Mas não queria saber: não sentia que lhe devesse qualquer beleza.

Ele chamou-me para ao pé de si, impacientemente, e dei um passo cauteloso na sua direção; ele pegou nas minhas mãos e cruzou-as sobre o meu peito, com as pontas dos dedos em cada ombro oposto, e disse: «Agora: *vanastalem*.»

Fitei-o, numa revolta silenciosa. Quando a proferiu, a palavra soara aos meus ouvidos como o outro feitiço para o qual ele me tinha utilizado. Eu conseguia senti-lo, a querer invadir a minha boca, para drenar a minha força.

Ele agarrou-me pelo ombro, com os dedos a apertarem de forma dolorosa; senti o calor de cada um a penetrar na minha blusa.

— Eu posso ter de aguentar a incompetência; mas não irei tolerar o desleixo — disse ele. — *Di-lo*.

Lembrei-me de ficar petrificada; que mais me poderia ele fazer? Tremi e disse, num tom suave, como se o facto de o sussurrar pudesse evitar que se apoderasse de mim: «*Vanastalem.*»

A minha força brotou do meu corpo e libertou-se pela minha boca, e no local onde me abandonou o ar começou a agitar-se e contornou o meu corpo, num percurso em espiral. Senti-me afundar no chão, ofegante entre saias de seda farfalhante estranhamente vastas, de tom verde e castanho-avermelhado. Deram a volta à minha cintura e cobriram-me as pernas, intermináveis. A minha cabeça curvou-se para a frente, cedendo ao peso de um toucado curvo, um véu desceu sobre as minhas costas, numa renda com flores em fio de ouro. Olhei, com ar entediado, para as botas do Dragão, para o couro trabalhado das mesmas: havia videiras curvas gravadas nelas.

— Olha bem para ti, e uma vez mais devido a um simples feitiço — disse ele, acima de mim, soando exasperado com o seu próprio trabalho. — Pelo menos a tua aparência melhorou. Vê lá se a partir de agora consegues manter-te num estado decente. Amanhã tentaremos outro.

As botas viraram-se e afastaram-se de mim. Ele sentou-se na sua cadeira, creio, e voltou para a sua leitura; não tenho bem a certeza. Passado algum tempo arrastei-me para fora da biblioteca, apoiada nas mãos e nos joelhos, trajando aquele belo vestido, sem nunca levantar a cabeça.

As semanas seguintes pareceram simplesmente dar lugar uma à outra. Todas as manhãs acordava um pouco antes do alvorecer e deixava-me ficar deitada na cama, enquanto a minha janela se iluminava, tentando pensar em alguma forma de escapar. Todas as manhãs, tendo falhado nisso, levava a bandeja à biblioteca, e ele formularia um novo feitiço comigo. Se eu não tivesse sido capaz de me manter apresentável — o que acontecia na maior parte das vezes — ele utilizava o *vanastalem* em mim primeiro, e em seguida um segundo feitiço. Todos os meus vestidos feitos em casa iam desaparecendo, uns atrás dos outros, e os elaborados e desconfortáveis iam preenchendo o meu quarto como pequenas montanhas, tão cheios de brocados e bordados que se conseguiam manter hirtos sem mim dentro deles. Quando ia para a cama mal conseguia encontrar a saída por baixo das saias, e os terríveis espartilhos não me deixavam respirar.

A névoa da exaustão nunca me abandonava. Após cada manhã rastejava esgotada de volta para o meu aposento. Creio que o Dragão tratava da sua própria refeição, pois eu certamente nunca lhe preparava nada. Deitava-me

na cama até à hora de jantar, quando, por norma, conseguia arrastar-me de volta pelas escadas abaixo e comia uma refeição simples, mais incentivada pela própria fome do que propriamente por qualquer preocupação com as necessidades dele.

O pior de tudo era o facto de não conseguir compreender: por que motivo me estava ele a utilizar daquela maneira? À noite, antes de me afundar no sono, imaginava os piores cenários dos contos e histórias, vampiros e incubos a beberem o sangue das donzelas, até a vida as abandonar, e jurava a mim própria, aterrorizada, que na manhã seguinte iria encontrar uma forma de escapar. Claro está que nunca o fiz. O meu único consolo era saber que não era a primeira: eu dizia a mim própria que ele tinha feito aquilo a todas aquelas raparigas antes de mim e elas tinham sobrevivido. Não servia de grande consolo: para mim, dez anos pareciam ser uma eternidade. Mas eu agarrava-me a qualquer pensamento que pudesse apaziguar a minha miséria, por muito pouco que fosse.

Ele não me dava qualquer consolo. Mostrava-se irritado comigo de cada vez que eu entrava na sua biblioteca, mesmo nos raros dias em que me conseguia manter apresentável: como se eu ali fosse com o intuito de o aborrecer e interromper, e não fosse ele a atormentar-me e usar-me. E quando terminava de praticar a sua magia através de mim e me deixava aninhada no chão, olhava-me de cima e chamava-me inútil.

Certo dia tentei manter-me longe dele o tempo todo. Pensei que, se lhe deixasse a refeição cedo, ele poderia esquecer-se da minha existência por um dia. Deixei-lhe o pequeno-almoço assim que a aurora chegou, depois afastei-me e escondi-me nas traseiras das cozinhas. Mas às sete em ponto uma das suas criaturas, aquelas que eu por vezes via a flutuar pelo Fuso em direção ao Bosque, desceu as escadas, esvoaçando. Vendo mais de perto, parecia uma bola de sabão mal concebida, ondulando e virando, quase invisível até que a luz atingia a sua pele iridescente. A criatura continuou a ziguezaguear pelos recantos, até que por fim me alcançou, vindo pairar insistentemente por cima dos meus joelhos. Ergui o olhar para ela, no meio daquela confusão, e pude ver o reflexo da minha própria cara, a olhar-me com contornos fantasmagóricos. Lentamente, desdobrei-me e segui a criatura até à biblioteca, e, quando cheguei, ele pousou o seu livro e olhou para mim, furioso.

— Por muito feliz que eu pudesse ficar ao evitar o discutível prazer de te ver a deambular por aí como uma enguia murcha após um mísero feitiço — disse ele —, já ambos tivemos a oportunidade de assistir ao que acontece

quando tomas a liberdade de fazer o que te apetece. Quão desmazelada ficaste hoje?

Eu fizera um esforço para me manter apresentável, para pelo menos conseguir evitar o primeiro feitiço. Nesse dia apenas tinha colecionado algumas nódoas durante a confeção do pequeno-almoço, além de uma mancha de óleo. Segurei uma prega por cima, por forma a ocultá-la. Mas ele olhou na mesma para mim com desdém, e quando segui a linha do seu olhar, para minha surpresa, vi que enquanto me mantivera escondida nas traseiras das cozinhas tinha evidentemente apanhado uma teia de aranha — suponho que fosse a única teia de aranha em toda a torre —, que agora se estendia nas costas da minha saia, como um fino véu esfarrapado.

«*Vanastalem*», repeti com ele, penosamente conformada, e observei uma onda exuberante de seda laranja e amarela a subir pelo chão, contornando-me, como folhas sopradas por um caminho no outono. Oscilei, com a respiração pesada, enquanto ele voltava a sentar-se.

— Muito bem — disse ele. Tinha uma pilha de livros em cima da mesa e, com um gesto do braço, derrubou-os, num monte de volumes dispersos. — Para os ordenares: *darendetal*.

Ele gesticulou com a mão para a mesa.

— *Darendetal* — murmurei em uníssonos, e o feitiço começou a abrir caminho pela minha garganta. Os livros na mesa estremeçaram e, um após o outro, flutuaram e esvoaçaram até ao seu sítio, assemelhando-se a aves com joias, nas suas encadernações vermelhas, amarelas, azuis e castanhas.

Desta vez não me afundei no chão. Apenas me apoiei na beira da mesa com ambas as mãos e inclinei-me sobre ela. Ele estava a olhar para a pilha, de testa franzida.

— Mas que idiotice é esta? — exigiu saber. — Não há nenhuma ordem... olha para isto.

Olhei para os livros. Estavam amontoados numa única pilha suficientemente organizada, dispostos por cor...

— ... *cor*? — disse ele, com a sua voz a subir de tom. — Por *cor*? Tu... — Ele estava furioso comigo, como se tivesse sido minha a culpa. Talvez o facto de me utilizar como fonte de energia pudesse estar a influenciar a sua magia? — Vá, sai daqui! — rosnou, e eu apressei-me a sair, sentindo-me secretamente reconfortada. Oh, como estava *contente* por, de alguma forma, estragar a sua magia.

Tive de parar a meio das escadas para recuperar o fôlego, dentro do

espartilho, mas quando o fiz apercebi-me subitamente de que não estava a rastejar. Continuava a sentir-me cansada, mas a névoa não se havia apoderado de mim. Consegui inclusive subir o resto das escadas até ao topo sem qualquer outra pausa, e embora me tenha deixado cair na cama, dormindo meio dia, pelo menos não me sentia perdida.

O cansaço foi desaparecendo cada vez mais à medida que as semanas foram passando, como se a prática estivesse a tornar-me mais forte, mais capaz de aguentar o que quer que ele me estava a fazer. Aos poucos, as sessões começaram a ser... não agradáveis, mas menos aterrorizantes; não passava de uma tarefa cansativa, como ter de esfregar jarros em água fria. Já conseguia dormir à noite e o meu espírito também começou a recuperar. A cada dia que passava ia sentindo-me melhor, e cada vez mais furiosa.

Eu não podia, de forma alguma, voltar a usar aqueles vestidos ridículos — tinha tentado mas não conseguia sequer chegar aos botões ou aos laços nas costas, o que, regra geral, me levava a ter de rebentar os fios ou até enrolar as saias para conseguir sair deles. Por isso, todas as noites atirava-os para um amontoado ao lado, e todas as manhãs trajaria um dos vestidos simples, tentando mantê-lo o mais limpo possível, e, a cada poucos dias, ele perderia a paciência com o meu desleixo e mudaria esse também. E agora tinha chegado ao meu último vestido simples.

Segurei esse último vestido, de lã pura, não tingida, nas minhas mãos, dando a sensação de que estava a segurar uma corda, e em seguida, numa espécie de desafio a mim mesma, deixei-o pousado na cama, metendo-me dentro do vestido verde e castanho-avermelhado.

Eu não conseguia apertar os botões nas costas, por isso peguei no longo véu do toucado, dei-lhe duas voltas em redor da cintura e um nó, apenas suficientemente forte para evitar que tudo aquilo me caísse, e pus-me a caminho das cozinhas. Desta vez nem sequer fiz um esforço por me manter limpa: desafiante, levei a bandeja escadas acima, até à biblioteca, salpicada com ovo, gordura de *bacon* e com manchas de chá, com o meu cabelo todo emaranhado, parecendo uma qualquer mulher nobre doida que tinha fugido para os bosques após um baile.

Claro está que isso não durou muito. Assim que, ressentidamente, proferi a palavra *vanastalem* com ele, a sua magia invadiu-me e sacudiu as nódoas, voltou a esmagar-me dentro de um espartilho, aprumou o meu cabelo, e, uma vez mais, fez-me parecer como uma boneca de brinquedo de uma princesa.

Mas nessa manhã senti-me mais feliz do que me havia sentido em semanas, e, a partir desse momento, começou a ser o meu desafio privado. Eu queria que ele ficasse incomodado de cada vez que olhasse para mim, e ele recompensava-me com mil e uma expressões franzidas. «Como é que consegues fazer isto a ti própria?», perguntou-me certo dia, quase maravilhado, quando entrei na biblioteca com um pedaço de pudim de arroz no topo da minha cabeça — eu tinha acertado acidentalmente numa colher com o meu cotovelo e atirara um pouco de pudim ao ar — e uma enorme faixa de geleia de cima a baixo, na frente do meu belo vestido de seda cor de creme.

O último vestido simples, mantive-o na minha cómoda. Todos os dias, após ele ter terminado os seus afazeres comigo, subia as escadas, batalhava para sair do vestido de baile, libertava o meu cabelo das redes e dos toucados, espalhando alfinetes de joias pelo chão, e em seguida encontraria reconforto na minha túnica desbotada e na blusa que trouxera de casa, que mantinha lavada e limpa à mão. Depois descia para as cozinhas, para cozer o meu próprio pão, e repousava-a no calor da lareira, enquanto ele cozia, sem estar preocupada em colecionar umas quantas manchas de cinzas e farinha nas minhas saias.

Recomecei a ter energia suficiente para me sentir aborrecida. No entanto, nem sequer pensava em retirar outro livro da biblioteca. Em vez disso pegava na agulha, por muito que abominasse coser. Tendo em conta que, todas as manhãs, me eram retiradas todas as forças para fazer vestidos, pensei que mais valia desfazê-los e aproveitar os tecidos para criar algo menos inútil com eles: lençóis, talvez, ou lenços.

O cesto de remendos mantivera-se intocado dentro da caixa do meu quarto: além das minhas próprias roupas, que, até esse momento, tivera o maior prazer em deixar desfeitas, nada mais havia no castelo para remendar. Mas quando o abri encontrei lá dentro um único pedaço de papel, escrito a carvão grosso: era a letra da minha amiga da cozinha.

Tu estás assustada: não estejas! Ele não irá tocar-te. Ele apenas vai querer que te tornes bela. Ele não pensará em dar-te nada, mas podes pegar num dos belos vestidos dos aposentos dos convidados e trabalhá-lo, para te servir. Quando te convocar, canta para ele ou conta-lhe uma história. Ele quer companhia, mas não em demasia: leva-lhe as refeições e evita-o sempre que possas e nada mais te pedirá.

Quão inestimáveis teriam sido aquelas palavras se tivesse aberto aquele cesto de remendos e as tivesse lido naquela primeira noite. Agora ali estava eu, de pé, a segurar a nota nas minhas mãos, tremendo com a memória da sua voz sobrepondo-se à minha, a drenar-me de feitiços e energia, envolvendo-me em sedas e em veludo. Eu enganara-me. Ele nunca fizera nada daquilo às outras mulheres.